

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

**RE(VI)VENDO ÊXODOS**  
**O APRENDIZADO PELA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

**BRENDA GABRIELLY XAVIER SILVA**

**BRASÍLIA – DF, 2015**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

**RE(VI)VENDO ÊXODOS**  
**O APRENDIZADO PELA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

**BRENDA GABRIELLY XAVIER SILVA**

Trabalho apresentado ao Departamento de Artes Cênicas, como requisito para obtenção do grau de licencianda em Artes Cênicas, sob orientação do Professor Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro.

**BRASÍLIA – DF, 2015**

“O real não esta nem na saída, nem na chegada:  
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

**Guimarães Rosa**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	05
CAPÍTULO I - A ESCOLA ATUAL E A PROPOSTA DO RE(VI)VENDO ÊXODOS-----	09
CAPÍTULO II - RE(VI)VENDO ÊXODOS, A CAMINHADA -----	13
2.1 – IDENTIDADE -----	15
2.2 – PATRIMÔNIO-----	18
2.3 - MEIO-AMBIENTE -----	19
CAPITULO III - HISTÓRICO DAS CAMINHADAS-----	21
3.1 – RELATOS DOS CAMINHANTES -----	22
CONCLUSÃO -----	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	27
ANEXOS -----	28
1- ALGUMAS FOTOGRAFIAS DA EXPOSIÇÃO DOS ESTUDANTES EM 2001-----	29
2- REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA SAÍDA DE CAMPO ESTENDIDA EM CRISTALINA/GO -----	31

## INTRODUÇÃO

Durante o meu trajeto escolar, vi e ouvi muitas pessoas desanimadas com a educação. Professores que reclamavam dos alunos, e alunos que reclamavam dos professores. Ouvi muitas comparações entre a educação brasileira e a de outros países. Poucos se colocavam a favor da educação nacional, a educação de fora parecia ser muito melhor que a daqui. Conheci muitos professores que reclamam da profissão, não sentem prazer no que fazem, e assumem a profissão simplesmente como forma de sustento. Felizmente também pude conhecer professores e professoras com brilho nos olhos, apaixonados pelo ofício de educadores. E é desses professores que quero falar, dos que sentem prazer em estar na sala de aula e que me inspiram na busca de ser educadora. Pessoas inovadoras, criativas, educadoras de humanos, sensíveis, apaixonadas pelo que fazem.

Ao longo da minha graduação na Universidade de Brasília, debatemos muito sobre os problemas atuais da educação brasileira, esses debates se deram principalmente nas disciplinas de licenciatura. O desânimo dos novos e experientes professores, a falta de estrutura das escolas, o descaso dos órgãos públicos, o desinteresse de grande parte dos alunos e dos familiares. E é por estar saturada de falar e ouvir sobre os problemas da educação que pretendo falar nesse trabalho sobre um projeto exitoso que se tornou exemplo para mim. Um projeto chamado Re(vi)vendo Êxodos, que conheci ainda quando aluna do 1º ano do ensino médio, em 2008 e pude participar em 2010, quando já estava no 3º ano. Este projeto me inspira e me dá ânimo de ser educadora, pois nele pude perceber a educação de outra perspectiva, que até então não conhecia. Para falar sobre a proposta educacional do projeto, utilizo uma citação de Paulo Freire do livro “Educação como prática para a liberdade”, e mudo o tempo verbal que o autor utiliza do passado para o presente:

Uma educação que possibilita ao indivíduo a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o adverte dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhe a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o coloca em diálogo constante com o outro. Que o predispõe a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da

expressão. Que o identifica com métodos e processos científicos. (FREIRE, pág. 90, 1994)<sup>1</sup>

O Êxodos sensibilizou o meu olhar de dentro e o de fora. Eu quanto ser humano e eu quanto sociedade. Possibilitou um olhar mais aguçado da minha própria identidade, e da identidade dos meus colegas. Fez-me enxergar a minha própria cultura e o quanto ela é rica. O projeto que vem sendo desenvolvido desde 2001, e cuja a proposta foi sendo amadurecida ao longo dos anos, foi criado por iniciativa de um grupo de professores da rede pública de ensino de Brasília, especificamente do Centro de Ensino Médio Setor Leste, tendo o professor de história Luís Guilherme como orientador e atual coordenador. A ideia de criar o projeto surgiu em 2001 quando os alunos do Setor Leste visitaram a exposição “Êxodos”, do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, como atividade de uma disciplina chamada Práticas Interdisciplinares I que acabara de ser implementada no currículo daquele ano letivo. A exposição continha fotos de êxodos de vários povos do mundo, de pessoas que por algum motivo, seja a imigração, a guerra, ou fome, saíram de seus países para viverem em outro. Ao final da visita, os professores sugeriram uma atividade pedagógica. Pediram aos alunos que olhassem para o cotidiano de sua cidade e por meio da fotografia trouxessem o seu olhar sobre ela, relacionando com temas suscitados nas fotografias de Sebastião Salgado. As fotografias dos alunos foram expostas no Espaço Cultural Renato Russo, e o nome dado a exposição foi “Re(vi)vendo Êxodos”<sup>2</sup>, que obteve muitas críticas positivas. O resultado foi tão bom que a exposição vem sendo feita a cada ano, sempre com fotos tiradas pelos alunos.

A fotografia foi a primeira ação do projeto em 2001, mas outras ações foram implementadas. Hoje várias atividades são pensadas no início de cada ano letivo, com as temáticas que abordam o tripé do projeto: Identidade, Patrimônio e Meio-Ambiente. Os alunos realizam extensa pesquisa bibliográfica de personalidades importantes, fazem pesquisas de campo em suas cidades e nas cidades a serem estudadas durante o ano, entrevistam e pesquisam sobre o patrimônio histórico e cultural dessas comunidades. Como resultado das pesquisas, alunos constroem

---

<sup>1</sup> Citação original: Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos.

<sup>2</sup> Em anexo algumas fotos da exposição.

dossiês, portfólios, vídeos, boletins informativos, cartazes, folders, encenações, e apresentam seminários.

Mas apesar de tantas atividades realizadas, o que quero destacar nesse trabalho são as caminhadas que acontecem no projeto. Existem basicamente dois tipos: as pesquisas de campo e as caminhadas. As pesquisas de campo ocorrem em épocas variadas do calendário escolar, são feitas em poucos dias e em trechos menores. A caminhada dura em torno de 7 a 16 dias, e acontecem próximo ao final do ano letivo. No período da caminhada os alunos são levados, de ônibus, para a cidade que está no roteiro daquele ano, e vai fazendo o trajeto de volta para Brasília caminhando a maior parte da viagem. São 15 km em média por dia, fazendo paradas nas cidades que estão no percurso. Durante esse período os estudantes mantêm contato com figuras de destaque cultural, têm aulas com habitantes das cidades, fazem entrevistas aos moradores, passam todo o tempo juntos, aprendem a conviver, a cooperar nas atividades de limpeza e organização, superam limites físicos, e percebem a importância do grupo. Mas por necessitar de um grande aparato, de muitos apoios, e demandar muita logística, essa caminhada mais longa não aconteceu todos os anos. Foram seis caminhadas distribuídas ao longo de treze anos.

É por ter vivido a experiência da caminhada em 2010 e ter percebido as mudanças que ela causou em mim, como sensibilizou meu olhar para o cotidiano das coisas, que pretendo com o presente trabalho examinar numa perspectiva da experiência estética a partir do pensamento de John Dewey, de que “a experiência vem da natureza e da interação entre os seres humanos. Nessa interação, a energia humana é acumulada, liberada, represada, frustrada e vitoriosa” (DEWEY, pág. 79). Partindo dessa premissa observo qual é e qual tem sido o impacto e a relevância desse projeto para os alunos e ex-alunos que tiveram contato e puderam ter essa vivência. Para desenvolver essa pesquisa participei esse ano de 2015 como colaboradora na pesquisa de campo estendida em Cristalina/GO, que ocorreu do dia 29 de outubro ao dia 3 de novembro, fiz anotações em diário de bordo, registros com câmera fotográfica e coletei anotações do diário de bordo de alguns alunos. Além desses registros, eu pretendo coletar depoimentos dos estudantes caminhantes, professores, e colaboradores de outras edições de caminhadas, que estão registrados em vídeos, *blog*, e documentos. Ao final dessa monografia me

questiono qual a relevância de uma educação em arte que possibilite ao aluno esse contato direto com sua cultura, com as tradições, que dê a oportunidade de sair da sala de aula e ampliar o horizonte da cidade, e de ir até a fonte do conhecimento? Pois penso que o modelo de escola que predomina, hoje, não está sendo capaz de possibilitar experiências e vivências dos alunos com sua própria cultura, nem conhecimentos profundos de si mesmo.

No primeiro capítulo vou abordar brevemente o modelo atual da escola, e como enxergo a proposta do Projeto Re(vi)vendo Êxodos dentro desse modelo. No segundo capítulo apresento o projeto e abordo o tripé: Identidade, patrimônio e Meio-Ambiente. Detalhando como cada um dos temas é trabalhado com os estudantes. No terceiro capítulo faço um breve histórico das caminhadas que ocorreram até hoje, e utilizo relatos dos estudantes e monitores para investigar como se dá o aprendizado durante esse momento em que eles são levados para fora da sala e aula, o lugar do aprendizado é descentralizado da escola. Na conclusão abordo qual é a relevância de uma educação em arte que possibilite aos estudantes esse contato direto com sua cultura, com as tradições, e que dê a eles a oportunidade de sair da sala de aula e ir direto à fonte do conhecimento.

## CAPÍTULO 1 - A ESCOLA ATUAL E A PROPOSTA DO RE(VI)VENDO ÊXODOS

Ao longo da minha experiência como estudante de escolas públicas e particulares, e experiências como estagiária do curso de Artes Cênicas em sala de aula, percebi que o modelo da escola que predomina hoje se assemelha muito ao meio de produção capitalista de mão-de-obra. Os alunos são chamados por números para facilitar a identificação, as carteiras são dispostas em filas, as aulas acabam com toque de uma sirene, o conteúdo é dividido por disciplinas que na maioria das vezes não tem ligação umas com as outras. Rubem Alves<sup>3</sup> fala no livro “Histórias de quem gosta de ensinar”, que “*a criança que brinca é nada mais que um meio para o adulto que produz.*” A criança muitas vezes não é vista como um ser completo, segundo a teoria de John Locke, nascemos folhas de papel em branco, uma “tábula rasa”, e essa folha vai sendo escrita na medida em que as experiências são vividas. A infância é só uma fase para chegar à outra, é uma preparação para a vida adulta. É ignorado que a criança já é indivíduo, tem inteligência e percebe o mundo. Ao fim do período escolar, já adolescente, precisa escolher em qual meio de produção vai se inserir, tudo é voltado a esse fim e o estudante tem que se preparar ou para o mercado de trabalho ou para o vestibular. Passa a maior parte do tempo se preparando para vir a ser. Viviane Mosé, doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, questiona:

Por que a escola prepara para a vida, em vez de ser a vida exercida no presente? E por que o presente das crianças na escola não é também um exercício de cidadania, de respeito a si mesmas, à vida e ao outro? Por que a escola não é um espaço democrático, de produção de conhecimentos, de debates, de criação? Em vez disso, tem sido um presídio de alunos, um depósito de conteúdos impostos sem muito sentido, um desrespeito aos saberes que os alunos já trazem, um lugar onde as crianças não tem direito a voz. (MOSE, pág. 47, 2013)

A escola, apesar de estar inserida na sociedade, está com conteúdos distantes do cotidiano e da vida das pessoas, os jovens e crianças não se aproximam das questões sociais, enxergam o mundo de uma forma competitiva, em que o melhor e mais esforçado fica em primeiro lugar, aprendem a ser mais individualistas. Não aprendem a enxergar o mundo como um espaço coletivo, de colaboração, de diferenças, e de respeito. Para quê ir à escola ouvir o professor

---

<sup>3</sup> ALVES, pág. 8, 1984.

passando informações se é possível fazer isso em casa com apenas alguns cliques no computador? A escola poderia buscar uma aproximação com a cidade, com as questões latentes da vida. Essa sede de levar o estudante a entrar numa universidade, aprovar o maior número de alunos, tem atingido até mesmo as escolas do ensino básico infantil que já estão preparando os pequenos para o vestibular. Como formar cidadãos críticos, atuantes em questões relacionadas ao hoje, ao humano, ao presente, se estas questões são deixadas em segundo plano em detrimento do sucesso da escola em aprovar o maior número de estudantes no vestibular?

É nesta perspectiva, que o ensino da arte não se enquadra no atual modelo escolar. Esse anseio de estar sempre pensando à frente, no que a criança vai ser, não deveria ser continuado pelos arte-educadores. É preciso que a escola promova que cada um tenha conhecimento de si mesmo, tempo de respirar, de apreciar, sem a obrigatoriedade de produzir o tempo inteiro. É importante trabalhar questões relacionadas ao eu, aos conhecimentos humanos, do cotidiano, saber lidar com problemas outros e não apenas os problemas do vestibular. Para isso, a arte não deve ficar a serviço de outras disciplinas, ou servir apenas para ajudar nas coreografias da festa junina, ou ainda para enfeitar os murais da escola. A arte deve ser autônoma e ter seu fim em si mesma.

Desta forma, percebendo que a vida está em tempos de ebulição, do instantâneo, do *fast-food*, da comunicação à distância em tempo real, que o papel da arte na escola deve ser, também, o de desacelerar o indivíduo, e trazê-lo para o momento presente, o momento de contemplação, do autoconhecimento. Exercitar o olhar sensível, do detalhe de perceber o outro e a si mesmo. O ensino da arte na escola não deveria seguir o fluxo que as outras disciplinas seguem, no sentido de produção, produção e produção. A Arte pode ensinar muito mais que apenas nomes, obras, datas. O fazer deveria vir junto com estas informações, prática e teoria deveriam estar próximas uma da outra.



Como mostra a imagem acima, a escola está distanciada das coisas que acontecem fora dela, são ministrados conteúdos em que os alunos questionam a utilidade de tais conteúdos na vida deles, e realmente muito do que se aprende é esquecido por não ser útil na prática. É nessa perspectiva que vejo o projeto Re(vi)viendo Êxodos como um desvio dentro do modelo padrão da educação, por ele possibilitar ao estudante a oportunidade de sair da escola, respirar em meio ao sistema educacional de preparação para o futuro. A escola sai do seu espaço físico e leva os estudantes para a vida das cidades, para contemplar a natureza, para ter contato com os mestres do cotidiano, que não tem o diploma formal, mas têm o aprendizado da prática, da experiência. É muito diferente quando os estudantes são levados ao local em que as manifestações culturais acontecem, em seu lugar de origem, com modos de vida e pessoas que são daquele lugar. Lá ele pode vivenciar aquele momento, de uma forma diferente de quando é visto apenas um vídeo. Não condeno o uso dessa ferramenta, pois o aluno também pode conhecer através dela, mas marcará muito mais na memória a experiência viva. O professor José Mauro, da Universidade de Brasília, escreve sobre o Êxodos, em seu artigo, “A escola itinerante: Mediação Cultural e Cidadania”:

Desterritorializado e itinerante, aspectos estruturantes do ensino de artes como, interdisciplinaridade, multiculturalidade e outros, imbricam-se e dialogam com os “corpos, corações e mentes” dos aprendentes, provocando atitudes reflexivas sobre suas concepções estéticas, históricas e culturais,

gerando novas leituras e posturas sobre o contexto ao qual pertencem e interagem. (RIBEIRO, pág. 4, 2012)

O aprendizado acontece de forma mais humanista nessa andança da escola, o aluno conhece suas raízes de perto, sua identidade, os patrimônios culturais das cidades, se depara com outras realidades, outros aspectos e estilos de vida, com manifestações culturais como o tambor de crioula, a catira, e o bumba meu boi. Nesse curto período se conscientiza sobre os problemas sociais e ambientais dos lugares por onde passou. Percebe que há dentro dele muito do sertão, muito do cerrado. É a escola que se desloca, os estudantes que buscam conhecer e não apenas esperam, passam a ser os agentes do próprio conhecimento.

## CAÍTULO 2 – RE(VI)VENDO ÊXODOS, A CAMINHADA

A caminhada é um projeto muito ousado, de iniciativa corajosa. Imagine só como foi o dia em que o professor Luís Guilherme apresentou a proposta para os seus colegas! Muitos acharam loucura, e disseram que seria uma tremenda logística para conseguir levar dezenas de alunos a caminhar cerrado adentro em segurança. Segundo o coordenador do projeto: “Caminhar tem uma série de implicações totalmente pedagógicas – descobrir-se, perceber-se, olhar, sentir, viver, experimentar.” (Apud DIB, 2014). A primeira caminhada foi um desafio muito grande, bem maior que as outras, pois tinha o peso de ser algo nunca feito antes, mas o desafio veio acompanhado de muita força e coragem. Demandou muito esforço para planejar e fazer acontecer. Levar dezenas de alunos para ficar até duas semanas fora de casa, sem contato com a família, numa rotina cansativa de caminhadas longas embaixo do sol. Certa vez um bombeiro que estava acompanhando uma caminhada, disse que não havia explicação para o desempenho dos caminhantes adolescentes, em sua maioria sedentários, conseguir andar quilômetros debaixo do sol escaldante expostos ao cansaço, e não desistir. Uma situação difícil até para bombeiros experientes.

Com o amadurecimento do projeto, o Re(vi)vendo Êxodos estabeleceu parcerias com o Roteiro Missão Cruls e o Clube dos Pioneiros de Brasília, e segundo o coordenador geral, Luís Guilherme, “mantém o propósito de trazer para os alunos da rede pública, uma formação intelectual e emocional que possibilite a transformação de todos em cidadãos críticos, participativos e sensíveis, com foco nos três temas: Identidade, Patrimônio e Meio Ambiente.” Atualmente o Projeto é desenvolvido no Centro de Ensino Médio Setor Leste, no Centro de Ensino Fundamental 104 Norte, na Escola Nova Betânia, em São Sebastião, no Centro educacional do Lago Sul, e está sendo levado a outras escolas públicas do Distrito Federal.

A experiência estética da caminhada oferece ao aluno o contato direto com sua cultura, com as tradições, dá possibilidade de sair da sala de aula e ampliar o conhecimento sobre a cidade, de ir até a fonte do conhecimento. Ir até uma comunidade quilombola, depois de ter estudado em livros de história, enxergar de

perto, sentir o cheiro, os sabores, sentir na pele, é um tipo de aprendizado que envolve todos os sentidos. Ouvir uma poesia depois de 28km de caminhada, e se emocionar com ela. Mergulhar num rio que está na beira da estrada no meio do percurso, quando parece que não vai mais conseguir caminhar mais e sair dele revigorado agradecendo à natureza.

É um tipo de aprendizado que marca muito mais a memória, pois ele vem da experiência. Um aprendizado que proporciona aos alunos a possibilidade de se confrontar com outras realidades, de enxergar o outro de perto, viver o contato com a natureza. Perceber a falta de vegetação nativa do cerrado que foi substituída por campos de soja, e sentir na própria pele a alteração climática nessas zonas. Resgata o valor do idoso como sábio, guardião da sabedoria, ao conhecer os mestres dos saberes, artistas como o seu Germano de Oliveira Melo, ouvir suas histórias, poesias, e experiências. O conhecimento transmitido oralmente, por mestres com diploma da vida. Ouvir histórias encantadas na comunidade quilombola de Cavalcante/GO, contadas pelos mais velhos. Conhecer a Catira e o Tambor de Crioula, dançar e se dar conta que existe muito da cultura brasileira a ser conhecido. Cada cidade visitada é um mundo e cada pessoa é um gigante.

Além de possibilitar todo esse conhecimento de mundo, a caminhada possibilita o conhecimento de si. Ela encoraja os caminhantes a irem além do que parece ser o limite. Várias limitações são vencidas a cada caminhada, a cada cidade. “É Quebrada aquela velha opinião formada sobre tudo”<sup>4</sup>, percebe-se que o ponto de vista de cada um é apenas um ponto do todo. Aos poucos muitos dos limites são tidos como apenas imaginários que não existem de fato. Quando se consegue ultrapassar um limite físico, vencer o cansaço, as dores e bolhas nos pés, se caminha muito mais do que parecia ser possível.

O limite físico é apenas um dos muitos ultrapassados. Há também o de repensar quem é quem no universo, será que sou o que sou de fato, ou o que me ensinaram a ser? Percebo uma mudança muito forte nas meninas, pois há toda uma preocupação com a beleza, maquiagem, cabelo, e não há tempo para essas coisas no dia a dia da caminhada. No início parece difícil não se importar com o cabelo bagunçado e a cara limpa de maquiagem, mas depois de tanto caminhar, de tanto suar e superar limites, o conceito de beleza vai mudando. Não dá para esconder o

---

<sup>4</sup> Trecho da música “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas.

cabelo natural, ao rosto sem corretivo e pó facial, o odor de suor após horas de caminhada. Muitas coisas antes essenciais passam aos poucos a ser supérfluas, e não é preciso discurso de ninguém sobre isso. A experiência do dia a dia e o embate consigo mesmo, mostra o que é mais importante. Percebe-se que o belo está na essência de cada um.

## 2.1 – IDENTIDADE

O conceito de identidade vem sendo, discutido e desenvolvido por diversas áreas do conhecimento, entre elas a antropologia, psicologia, e a sociologia. Ao longo das últimas décadas esse conceito tem ganhado cada vez mais importância dentro do ensino básico. Percebeu-se a importância de trabalhar em sala de aula os conceitos de Identidade cultural, social, individual. Estudar a pluralidade cultural,

(...) oferece ao aluno oportunidade de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor (...). Para viver em democracia em uma sociedade que é plural é necessário respeitar seus diversos grupos culturais, o Brasil é um país que desde seu descobrimento ouve a fusão de diversas culturas que hoje estão distribuídas por cada região. É essencial que cada indivíduo conheça e compreenda esse universo cultural para então poder respeitar a individualidade de cada um e assim passar a valorizar sua própria cultura. (PCN, pág. 39, 1997)

É de suma importância ao indivíduo conhecer sua própria história, sua cultura, saber de onde veio e de quem, para poder entender o presente e vislumbrar o futuro. Quando o indivíduo não conhece seu passado não consegue situar-se na realidade em que vive, torna-se um cidadão não crítico ignorante de si mesmo. Ao conhecer mais de si mesmo, percebe sua participação na história da sociedade.

Para desenvolver o conceito de identidade dentro do projeto, uma das atividades desenvolvidas é a árvore genealógica pessoal. O estudante é encarregado de pesquisar o seu próprio passado, saber os nomes dos avós, dos bisavós, de qual lugar eles vieram. Muitos percebem que só conhecem até as gerações dos avós, e precisam conversar com os familiares para descobrir quem foram os seus antepassados. Nessa pesquisa muitos descobrem quem eram aqueles que vieram antes, o que faziam para sobreviver, onde viviam, quais os costumes, quais os problemas enfrentados por eles em outra época, qual era a

cultura. Essa pesquisa acaba sendo uma pesquisa de autoconhecimento, sobre suas raízes, nela os estudantes descobrem mais de suas origens.

Além das árvores genealógicas, os estudantes fazem pesquisas sobre a cidade em que vivem, buscam documentos da cidade e fazem entrevistas com moradores das cidades, buscando mais sobre a cultura, quem esteve ali antes, o que faziam para o sustento, quem ajudou a construir, quais eram os costumes, manifestações culturais, quais as crenças, o que mudou e o que permanece.



5

Na foto acima as monitoras do projeto entrevistam seu Germano, artista da cidade. A prática de entrevistar os moradores das cidades visitadas possibilita conhecer a história da cidade e de seus cidadãos por outra perspectiva, que não a oficial. Por meio de quem vive e presencia a cidade, por pontos de vistas de cada indivíduo.

---

<sup>5</sup> Monitoras do projeto fazem entrevista ao artista da cidade de Cristalina, Germano de Oliveira Melo.

No artigo, “A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo”, Susie Barreto da Silva (2010) cita Pedrosa (1999), *“Um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação”* (pág. 6). Ao fazer estas pesquisas, que acontecem antes da caminhada e durante, os estudantes passam a ter um olhar mais profundo sobre as pessoas. As pessoas não são mais vazias de significados. Alguém que cruza o caminho não é apenas um corpo. Esse corpo tem história, tem ancestralidade, tem valores, gostos, vontades, sonhos.



Acima os caminhantes participam de uma aula no Centro de Tradições Gaúcha Nova Querência. Nesta aula eles conheceram a história da criação dos CTG's, e assistiram e participaram de algumas danças tradicionais gaúchas. Conheceram um pouco da cultura gaúcha ouvindo, observando e participando das danças.

---

<sup>6</sup> Na foto acima, os estudantes aprendem sobre as tradições gaúchas, no CTG( Centro de Tradições Gaúchas), de Cristalina/GO.

## 2.2 – PATRIMÔNIO

O estudo do patrimônio na escola começou a ser valorizado, por volta da década de 70, em que iniciativas educacionais foram feitas para fortalecer esse tema na escola. Segundo o Iphan<sup>7</sup> (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), “o patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas.” O conhecimento sem um referencial, apenas informativo, fica fraco e fraco. Conhecer a partir das origens, das raízes é essencial para um conhecimento que tenha sustento em algo sólido. Além disso, ao conhecer os patrimônios, o sentimento de pertencimento é engrandecido: o aluno valoriza mais a cidade, as tradições, e as pessoas. Dependendo do período da caminhada quase todos, ou todos os tipos de patrimônios são abordados: monumentos históricos, tradições culturais, patrimônio natural. Os caminhantes dançam catira, tambor de crioula, conhecem os mestres dos saberes, entram em monumentos históricos e tem aulas nesses lugares.



Acima fotos da apresentação de manifestações culturais passadas de geração a geração, apresentadas aos caminhantes na saída de campo estendida em Cristalina. À esquerda os Três Reis Magos do Reisado, que ocorre em cristalina

<sup>7</sup> < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>> ac: 23/09/2015.

em fevereiro. E à direita tocadores e dançarinos de catira, uma dança brasileira em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e das mãos. Os alunos assistiram às apresentações e puderam participar da dança, aprendendo com os dançarinos.

## 2.3 - MEIO-AMBIENTE

O estudo do meio ambiente no projeto tem como base as Metas do Milênio. Documento que consolidou várias metas estabelecidas nas conferências mundiais ocorridas ao longo dos anos 90, estabelecendo um conjunto de objetivos para o desenvolvimento e a erradicação da pobreza no mundo que deveriam ser adotados pelos estados membros das Nações Unidas, que envidarão esforços para alcançá-los até este ano de 2015.

### Meio ambiente entre os objetivos do milênio

*ONU aprovou, em 2001, a Declaração do Milênio, com oito compromissos. Propostas hoje defendem adoção, a partir da Rio+20, de metas semelhantes para a sustentabilidade*



Com a experiência de 15 dias de caminhada os estudantes passam por várias cidades e percebem as diferenças de qualidade de vida existente entre elas. O acesso a água potável, ao alimento necessário, saneamento básico, escolas. Além de perceber as diferenças entre as cidades, muitas paisagens são conhecidas nos caminhos. Áreas de cerrado devastadas, substituídas por grandes cultivos, outras

áreas ainda com a vegetação nativa, lugares com bastante rios. Há uma grande conscientização a respeito do uso da água. Caminhar dá muita sede, ainda mais no calor do fim da manhã. O valor de um copo d'água é infinitamente maior. A sensação de um copo d'água gelado é inesquecível. Os estudantes tem que tomar banhos de um minuto durante todos os dias, descobrem que é possível passar menos tempo no chuveiro e economizar água. A valorização do sentimento de cuidado com a natureza, com o planeta, principalmente com a água, o maior dos patrimônios da humanidade. Percebe-se que os sacos plásticos estão espalhados por todas as partes, nos rios, na beira das estradas, nas pequenas e grandes cidades, e são realmente um problema para o meio-ambiente, eles continuarão lá por séculos até se decomporem. Sabendo disso, e vendo o impacto que tem nas paisagens, o ativismo social e político é fortalecido.



Na foto acima, os estudantes caminharam um trecho de 14 quilômetros, em uma paisagem que o cerrado foi substituído pelo cultivo de monocultura. Caminhar nesses trechos é mais difícil, pois não há sombra para aliviar o calor, e também aguça o senso crítico em relação a esse tipo de produção não sustentável.

### **CAPÍTULO 3 – HISTÓRICO DAS CAMINHADAS**

Como já falei anteriormente dentro do projeto acontecem as saídas de campo, que são trechos mais curtos, que geralmente são feitos em um dia, e acontecem antes da caminhada maior. Vou fazer um enfoque nas longas caminhadas, que apesar de toda iniciativa e empenho dos integrantes do projeto, não aconteceram todos os anos devido à grande demanda burocrática. Foram seis caminhadas ao todo, durante a existência do projeto, nos anos: 2004, 2005, 2006, 2008, 2010 e 2012. A caminhada de 2015 para Cristalina é considerada uma pesquisa de campo estendida por ter durado apenas cinco dias e ter um local de pouso fixo.

Em 2004 a caminhada teve como ponto de partida a cidade satélite Brazlândia, e como ponto de chegada Planaltina-DF, passando pelo Parque Nacional de Brasília, região da Boa Vista e Sobradinho – DF. Ao todo, foram 107 quilômetros caminhados durante 7 dias.

Em 2005 A caminhada foi mais longa, foram 16 dias de marcha saindo da Serra dos Pirineus, em Goiás, passando por Pirenópolis/GO, Corumbá/GO, Alexânia/GO, Santo Antônio do Descoberto/GO, Gama/DF, até chegar ao Catetinho, que foi a primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek. Ao todo foram percorridos 280 quilômetros.

Em 2006 os alunos caminharam de Formosa/GO até o Parque Nacional de Brasília, no Distrito Federal. No percurso os alunos passaram pelo Marco Zero do Quadrilátero Cruls, Planaltina de Goiás, Planaltina/DF e Sobradinho. Uma viagem de 240 km, distribuídos em 14 dias.

Em 2008 os alunos foram mais longe. Viajaram de ônibus até a Chapada Gaúcha, em Minas Gerais, passando pelo Parque Nacional Grande Sertão Veredas/MG, Arinos/MG, Morrinhos e Sagarana/MG, Urucuiua/MG, Riachinho/MG, Buritis/MG, Taquaril e Vila Cordeiro/MG, Cabeceiras de Goiás, Unaí/MG, e São Sebastião/DF. O percurso de 1.330 km durou 15 dias, sendo que 300km foram feitos a pé.

Em 2010 os alunos saíram de Brasília de ônibus até a comunidade quilombola dos Kalungas, em Cavalcante/GO, e fizeram o trajeto de volta passando

por Alto Paraíso/GO, São João d'Aliança/GO, Água Fria/GO, Mimoso/GO e Padre Bernardo/GO. Totalizando 350 km durante 15 dias.

Em 2012 a caminhada iniciou em Juscelândia/GO e foi passando por Natinópolis/GO, Santa Isabel/GO, Cirilândia/GO, Goianésia/GO, Malhador/GO, Das Placa/GO, Pirenópolis/GO, Corumbá/GO, Olhos D'Água/GO, Alexânia/GO, até chegar em Brasília. Foram 250 km em 15 dias.

### 3.1 – RELATOS DOS ESTUDANTES

A apreciação que ocorre ao se deparar com outras geografias, outras cidades, o deslumbramento. O trecho é de um relato da monitora Maísa Fidelis durante a pesquisa de campo realizada em Pirenópolis, em setembro de 2015:

*Logo de cara, vimos uma montanha nos fundos da escola, que encheu os olhos de todas pela beleza e fez com que muitos refletissem a respeito da diferença de visual que temos nas nossas escolas aqui em Brasília. Fomos para o centro da cidade caminhando como de costume e pudemos ver a beleza da cidade a Igreja Matriz, que foi incendiada e restaurada, o Teatro, lojas e pessoas que ali estavam. Tivemos a oportunidade de ver a apresentação de uma banda da Cidade conversar com o um dos integrantes e bater um papo também com o Secretário de Cultura. (Maísa, 2015)*

O próximo trecho do relato sobre o encontro que os alunos tiveram com uma, poetisa, guardiã dos saberes de seu povo:

*O grupo em que fiquei saiu por último, então perguntei para a moça da recepção do museu se ela conhecia alguém bacana para dar entrevista e ela falou da Dona Marieta. Na hora me lembrei de que eu a conheci ano passado, em uma pesquisa de campo, então tinha certeza que daria certo irmos ao encontro dela. Atravessamos a ponte do Rio das Almas e a direita, na terceira casa, lá estava o momento intenso vivido pelo grupo. Mesmo sem a gente ter marcado aquela entrevista, ela nos recebeu de braços abertos e com histórias sempre cativantes. Conforme os meninos e meninas perguntavam lágrimas dos olhos de muitos surgiam e sorrisos espontâneos brotavam. O auge do êxtase de todos ali presentes*

*foi quando lindamente dona Marieta recitou seu primeiro poema. Ela que é mulher, negra, revolucionária, Mestre Grió e muitas outras coisas, nos mostrou naquele instante ser um patrimônio imaterial vivo diante dos nossos olhos. (Maísa, 2015)*

Os momentos em que os alunos passam a valorizar mais os momentos cotidianos:

*Voltamos para almoçar, a comida que nos foi preparada estava uma delícia. Lembro que foi uma das poucas vezes que vi mulheres comendo sem medo das amarras impostas pela sociedade que diz que temos que comer pouco e sermos educadas. Observei todos com fome e com gratidão pelo alimento que “não era nada de mais” Feijão tropeiro, arroz branco, salada, Fricassê (que todo mundo teimou em chamar de estrogonofe hahaha), suco e paçoca de sobremesa. (Maísa, 2015)*

Abaixo um poema feito por um grupo de caminhantes da caminhada de Cristalina, 2015:

### ***Caminhar***

*Transformação de vidas mudar a forma de encarar as dores ou sentimento*

*Superação, é uma forma de quebrar as barreiras*

*Caminhada é ambiguidade, além de fazer parte do mundo faz parte de você.*

*Uma forma de esquecer a realidade por um tempo*

*Um momento de refletir e se libertar de preconceitos*

*Caminhar é uma atitude , que a cada passo se quebra barreiras.*

*Todos nós somos alunos e professores na escola da vida*

*Caminhar é cerrado adentro, é ser-tão.*

*Caminhar é viver.*

*Ametista.*

Abaixo um relato da ex-participante do projeto Lydia Gabriela Mauricio:

*“É um processo sensibilizador que extrai o aluno do seu conforto cotidiano cercado de artifícios para o novo e o desconhecido, desafiar limites biológicos e se reconhecer interdependente de um ecossistema inteiro, conhecer a história da sua pátria, migrações, sofrimentos e glórias de seus ancestrais, experimentar fatores culturais típicos, desconectar de influências externas para se conhecer enquanto indivíduo, enquanto fator biológico subordinado a razões biogeoquímicas inerentes a todo ser vivo, como parte de um povo e uma cultura, como um Brasil.” (Apud DIB, 2014)*

## CONCLUSÃO

Projetos como esse me inspiram a seguir na profissão de educadora, o Re(vi)vendo Êxodos, é uma iniciativa que valoriza o aprendizado afetivo, inspira a coragem, abre os sentidos, estimula o saber ouvir e o saber falar, falar dos sentimentos mais profundos, saber chorar e desabafar para o grupo. É um tipo de aprendizado mais humanizado, que ensina o que é o grupo, o que é ajudar o colega, incentiva os alunos a se conhecerem. Digo com toda certeza que os alunos saem mais preparados para lidar com os problemas do cotidiano. Sabendo que os limites são muitas vezes ilusórios e que podem ir muito além do que pensavam conseguir. Estes aprendizados são passados pra outras áreas da vida de cada um e não apenas fisicamente em caminhadas. É possível caminhar com bolhas nos pés machucando e ainda assim conseguir chegar ao destino com ajuda dos amigos, e às vezes até de alguém desconhecido que segurou a sua mão até o final. Essas palavras escritas não conseguem transmitir um terço do que é para cada aluno a experiência do caminhar, do suor, do cansaço, da alegria de chegar ao destino, de vencer as barreiras físicas e psicológicas, das bolhas nos pés, do gole de água, gelada, natural e muitas vezes quente. Vejo alguns paralelos entre a caminhada e o ensino das Artes Cênicas.

O ideário sobre o Ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas. (...) Enfim, exige valores estéticos mais democráticos, o que se chama de alfabetização cultural: possibilitar que aluno desenvolva competências em múltiplos sistemas de percepção, avaliação e prática da arte. (BRASIL, pág. 177, 2006)

Um dos grandes objetivos do ensino das Artes Cênicas é ensinar a convivência. Teatro é coletivo, é grupo, é falar e saber ouvir, é se conhecer para compreender o outro, é falar sobre sentimentos, sobre vida, sobre dores, sobre sonhos. A escola como está pode até se sustentar por muito mais tempo, aprendemos sobre o mercado de trabalho, sobre operações matemáticas complicadas, sobre o desenvolvimento das plantas e do corpo humano, mas não é ensinado como lidar com a baixa autoestima, depressão, carência, solidão, excesso de autocrítica, insegurança, angústia, ansiedade, inibições e oscilações de humor. Os desejos e sonhos são inibidos, pouco ou nada se fala sobre isso em sala de aula. Como futura arte-educadora não quero reproduzir esse modelo de escola que

massifica e uniformiza todas as crianças, abafam os sonhos, os desejos, a espontaneidade. Ao invés disso o que quero é estimular as crianças a continuarem sonhando, a serem mais do que bons trabalhadores, a saber sobre os seus sentimentos. Quero esses futuros adultos que saibam lidar tão bem com seus afetos, emoções e relacionamentos, como sabem lidar com a rotina e os problemas do trabalho. Uso as palavras que Anísio Teixeira escreveu ao fazer um esboço da teoria de educação de John Dewey:

E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem. (TEIXEIRA, 1971, pág. 37)

Defendo a importância do contato direto com a arte, com o fazer artístico, e as manifestações culturais. A escola poderia possibilitar mais frequentemente esse contato direto. Uma escola que ensina o fazer na prática. A exemplo de quando os caminhantes, do ano de 2010, foram levados a ouvir uma poetisa declamando sua poesia, naquele momento os alunos se emocionaram ao ouvir aquela senhora declamar sua poesia, houve a troca de afetos, que é outro fator essencial na aprendizagem. Projetos como o Re(vi)vendo Êxodos são inspiradores e fazem acreditar que a educação pode mudar para melhor, é possível sim colocar ideias inovadoras para funcionar. Projetos capazes de relacionar experiência de campo, com os conteúdos estudados em sala de aula. O Re(vi)vendo “é um projeto bastante interessante via experiência, que mostra uma oportunidade curiosa de desenvolvimento humano e coletivo a partir de desafios comuns.” (DIB, 2014). Muitos dizem que é preciso haver uma mudança radical na educação, mas ficar apenas falando não gera mudança. Só na ação constante, nas vitórias cotidianas, na força para continuar, e na fé que é possível transformar, é que a mudança vai acontecer. Os educadores que trabalham para uma sociedade melhor tem na escola a oportunidade de fazer as revoluções sociais com que sonham, mas é importante persistir e sempre acreditar, pois o desafio é diário.

Agradeço imensamente a todos que fazem esse projeto continuar, um projeto que consegue prosseguir graças às utopias, sonhos, força, e coragem de professores, alunos, monitores e de todos os que colaboram para que a caminhada continue por muito mais tempo. A todos vocês dedico o grito de agradecimento dos caminhantes: BRAVO, BRAVO, BRAVÍSSIMO!!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1984.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Ensino Básico/MEC, 2006.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIB, Caio. **Caindo no Brasil: uma viagem pela diversidade da Educação**. 2014

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Organização e Apresentação Viviane Mosé. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade cultural e orientação sexual**, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Brasília: 1997.

PEDROSO. S. F. Apud BARRETO DA SILVA, Susie; **A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo**; artigo, parte dissertação mestrado; disponível em: < <http://meuartigo.brasilecola.com/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm> > ac. 01-09-15

RIBEIRO, José M. B. **A escola itinerante: mediação cultural e cidadania**. Artigo apresentado na XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Transito. Instituto de Artes/Universidade Estadual Paulista, 2012.

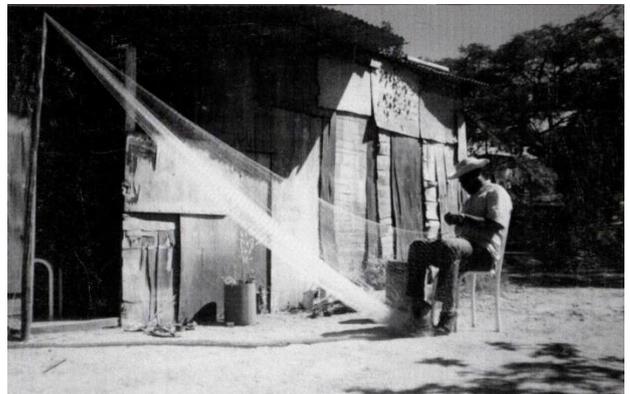
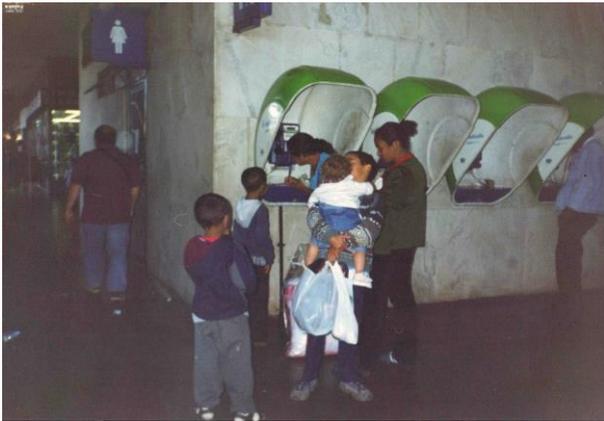
\_\_\_\_\_ **Assim no teatro como na vida: experiência estética, leitura de mundo e consciência cidadã**. Tese (Doutorado em Teatro). Universidade Federal da Bahia/Université de Paris, 2011.

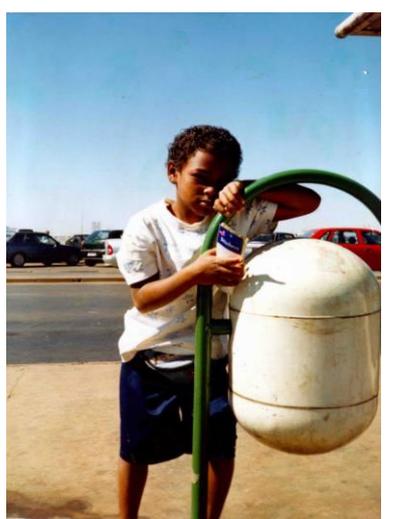
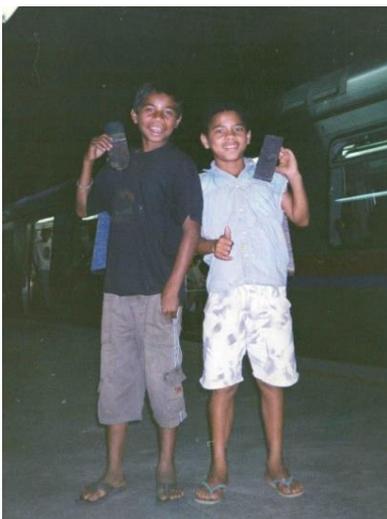
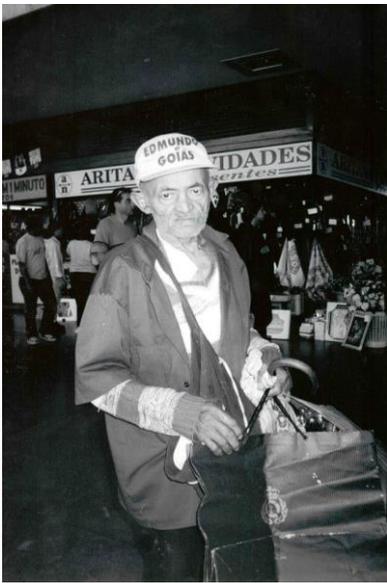
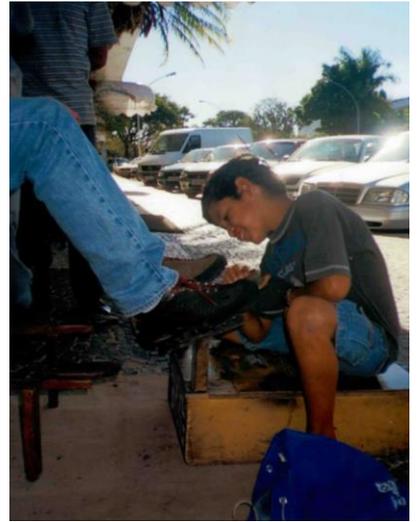
TEIXEIRA, Anísio. **A pedagogia de Dewey**. In: DEWEY, John. Vida e educação. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29> > ac. 23/09/2015.

# **ANEXOS**

# 1 - ALGUMAS FOTOGRAFIAS DA EXPOSIÇÃO DOS ESTUDANTES EM 2001





## 2 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA SAÍDA DE CAMPO ESTENDIDA EM CRISTALINA/GO.





















